

## CAPÍTULO CXI<sup>1</sup>

### O muro

Não sendo meu costume dissimular ou esconder nada, contarei nesta página o caso do muro. Eles estavam prestes a embarcar. Entrando em casa de D. Plácida, vi um papelinho dobrado sobre a mesa; era um bilhete de Virgília; dizia que me esperava à noite, na chácara, sem falta. E concluía: “O muro é baixo do lado do beco.”

Fiz um gesto de desgosto. A carta pareceu-me descomunamente audaciosa, mal pensada e até ridícula. Não era só convidar o escândalo, era convidá-lo de parceria com a risota. Imaginei-me a saltar o muro, embora baixo e do lado do beco; e, quando ia a galgá-lo, via-me agarrado por um pedestre de polícia, que me levava ao corpo da guarda. O muro é baixo! E que tinha que fosse baixo? Naturalmente Virgília não soube o que fez; era<sup>2</sup> possível que já estivesse arrependida. Olhei para o papel, um pedaço de papel amarrotado, mas inflexível. Tive comichões de o rasgar, em trinta mil pedaços, e atirá-los ao vento, como o último despojo da minha aventura; mas recuei a tempo; o amor-próprio, o vexame da fuga, a ideia do medo... Não havia remédio senão ir.

– Diga-lhe que vou.

– Aonde? perguntou D. Plácida.

– Onde ela disse que me espera.

– Não me disse nada.

– Neste papel.

D. Plácida arregalou os olhos: – Mas esse papel, achei-o hoje de manhã, nesta sua gaveta, e pensei que...

Tive uma sensação esquisita. Reli o papel, mirei-o, remirei-o; era, em verdade,<sup>3</sup> um antigo bilhete de Virgília, recebido no começo dos nossos amores, uma certa entrevista na chácara, que me levou efetivamente a saltar o muro, um muro baixo e discreto. Guardei o papel e... Tive uma sensação esquisita.

---

<sup>1</sup> CAPÍTULO CXI] CAPÍTULO CXII – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> era] ra – em MPBC4-1899 (o “e” inicial está mal-impresso).

<sup>3</sup> em verdade,] na verdade, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.